



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA-
PARFOR
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

GERBZIANE CLÉIA BAHIA MACHADO

EDUCAÇÃO INFANTIL: reflexões sobre a trajetória de uma educadora

GURUPÁ-PARÁ
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M149e Machado, Gerbziane Cléia Bahia.
EDUCAÇÃO INFANTIL: reflexões sobre a trajetória de uma
educadora / Gerbziane Cléia Bahia Machado. — 2023.
33 f.

Orientador(a): Prof^a. MSc. Raimunda do Socorro Rodrigues
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Altamira, Faculdade de
Educação, Altamira, 2023.

1. Educação Infantil. 2. Memorial. 3. Reflexão. 4.
Trajetória. I. Título.

CDD 370

GERBZIANE CLÉIA BAHIA MACHADO

EDUCAÇÃO INFANTIL: reflexões sobre a trajetória de uma educadora

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Faculdade de Educação, Campus Universitário de Altamira, da Universidade Federal do Pará (UFPA) - Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) – Turma Gurupá, como pré-requisito para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Ms. Raimunda do Socorro Rodrigues

GURUPÁ-PARÁ
2023

EDUCAÇÃO INFANTIL: reflexões sobre a trajetória de uma educadora

Elaborado por

Gerbziane Cléia Bahia Machado

Como requisito parcial para obtenção do grau de

Licenciada em Pedagogia

TCC aprovado em 23 / 01 / 2023.

Prof.^a Ms. Raimunda do Socorro Rodrigues (Orientadora)

Prof.^o Dr. Luiz Carlos Souza Bezerra (Membro da Banca)

Prof.^o Msc. Marcondes Ávila Bandeira (Membro da Banca)

Dedico este trabalho aos meus pais, que sempre me deram forças para alcançar meu objetivo. Aos meus filhos Ronnan Guiery Machado Palheta e Ghêmilly Ruanna Machado Palheta que, olhando para eles todos os dias eu tinha forças para estudar e sempre dar o melhor de mim e claro sonho. Ao meu esposo Antônio Ronaldo Borges Palheta, que sempre esteve ao meu lado me dando forças todos os dias que estive empenhada em busca dessa realização em nossa vida.

AGRADECIMENTOS

Esta fase da minha vida foi muito importante para mim e não posso deixar de agradecer a Deus por toda sabedoria, força, ânimo e coragem que me concedeu para ter alcançado mais esta meta em minha trajetória.

À Universidade Federal do Pará quero deixar uma palavra de gratidão por ter me recebido de braços abertos e com todas as condições que me proporcionaram dias de aprendizagem muito ricos.

A palavra gratidão é muito pequena perto de tudo que significou a oportunidade do PARFOR em minha vida, agradeço cada um dos professores que contribuíram com seus conhecimento e métodos para minha formação.

É claro que não posso esquecer de agradecer, de forma especial à minha família e amigos, porque foram eles que me incentivaram e inspiraram através de gestos e palavras a superar todas as dificuldades.

Agradeço à todas as pessoas que de uma alguma forma me ajudaram a acreditar em mim eu quero deixar um agradecimento eterno, porque sem elas não teria sido possível.

E claro, agradeço a minha orientadora Prof.^a. Ms. Raimunda do Socorro Rodrigues que com seu jeito de ser me mostrou que eu seria capaz de concluir esta graduação. Com seus ensinamentos, sua paciência e dedicação me ajudou a concretizar este sonho, sem sua contribuição não seria possível.

A alfabetização não é um jogo de palavras; é a consciência reflexiva da cultura, a reconstrução crítica do mundo humano, a abertura de novos caminhos (...) A alfabetização, portanto, é toda a pedagogia: aprender a ler é aprender a dizer a sua palavra.

(FREIRE, 1985, p. 14)

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÔNIMOS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
DCNEI	Diretriz Curricular Nacional da Educação Infantil
EMEI	Escola Municipal de Educação Infantil
EMEF	Escola Municipal de Ensino Fundamental
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
PARFOR	Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica
RCNEI	Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil
SOME	Sistema Modular de Ensino
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFPA	Universidade Federal do Pará

EDUCAÇÃO INFANTIL: reflexões sobre a trajetória de uma educadora

Gerbziane Cléia Bahia Machado¹

RESUMO

O presente trabalho é um estudo autobiográfico que tem como tema “Educação infantil: reflexões sobre a trajetória de uma educadora”. Este memorial tem como objetivo fazer uma reflexão de minha trajetória como educadora da Educação Infantil, no município de Gurupá/PA, destacando minha trajetória de vida pessoal e profissional. Para atingir os objetivos propostos a pesquisa está dividida em quatro seções: a primeira enfatiza as lembranças da minha infância e de minha família, no segundo momento, a reflexão de minha trajetória, como estudante, na terceira abordo minha experiência profissional e quarta faço reflexões sobre o PARFOR. Como metodologia, foi adotada a pesquisa do tipo autobiográfica que segundo Gil (2002) proporciona ao pesquisador descrever fatos e os relacionar com a temática abordada. A pesquisa bibliográfica, que segundo Gil (2002), traz como característica a investigações sobre diversas fontes documentais, foi utilizada neste trabalho como forma de buscar aportes teóricos, para possibilitar uma reflexão qualitativa da narrativa feita que de acordo com Minayo (2001), a abordagem qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, que neste caso servirão como fonte de reflexão sobre minha trajetória de vida e profissional. Como referencial teórico utilizou-se Tardif (2003), Freire (1996), Àries (2006), entre outros, que dialogarão com o tema escolhido e a minha trajetória histórica de vida e formação profissional. A pesquisa possibilitou fazer uma reflexão de minha experiência como docente na educação infantil, permitindo-me perceber que o trabalho pedagógico na pré-escola vai muito além do simples ato de cuidar, devendo o educador fazer uma constante reflexão de sua prática pedagógica.

Palavras-chaves: Educação infantil. Memorial. Reflexão. Trajetória

¹ Graduanda do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), Faculdade de Educação/Campus Altamira, Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: gerbzianemachado@gmail.com

EARLY CHILDHOOD EDUCATION: reflections on the trajectory of an educator

ABSTRACT

The present work is an autobiographical study whose theme is “CHILD EDUCATION: reflection on the trajectory of an educator”. This memorial aims to reflect on my trajectory as an educator of Early Childhood Education, in the municipality of Gurupá/PA, highlighting my personal and professional life trajectory. In order to achieve the proposed objectives, the research is divided into four sections: the first emphasizes the memories of my childhood and my family, in the second moment: reflection of my trajectory as a student, in the third abortion my professional experience and fourth I reflect on the PARFOR. As a methodology, autobiographical research was adopted, which according to Gil (2002) allows the researcher to describe facts and relate them to the theme addressed. Bibliographical research, which according to Gil (2002), brings investigation into various documentary sources as an investigation, was used in this work as a way of seeking theoretical contributions, to enable a qualitative reflection of the narrative made which, according to Minayo (2001), Qualitative approach works with the universe of meanings, motives, aspirations, beliefs, values and attitudes, which in this case will serve as a source of reflection on my life and professional trajectory. Tardif (2003), Freire (1996), Àries (2006), among others, were used as a theoretical reference, which will remain in dialogue with the chosen theme and my historical trajectory of life and professional training. The research made it possible to reflect on my experience as a teacher in early childhood education, allowing me to realize that the pedagogical work in preschool goes far beyond the simple act of caring, and the educator must constantly reflect on his pedagogical practice.

Keywords: Early childhood education. Memorial. Reflection. Trajectory.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. UMA INFÂNCIA HUMILDE	14
2.1 Entre a humildade e a diversão: Uma infância feliz	14
3. TRAJETÓRIA EDUCACIONAL/ESCOLAR	18
3.1 Entrada para a escola.....	18
3.2 Ensino Fundamental	21
3.3 Ensino Médio	22
3.4 PARFOR: o ensino superior	22
4. TRAJETÓRIA PROFISSIONAL.....	26
4.1 Iniciando a trajetória docente	26
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS	32

1. INTRODUÇÃO

Partindo do pressuposto de que a qualidade dos professores da Educação Infantil fortalece as habilidades sociais, os estilos de aprendizagem e o comportamento das crianças, foi possível através deste trabalho realizar o desenvolvimento de um memorial acadêmico reflexivo sobre as experiências e reflexões vivenciadas ao longo da minha vida pessoal, acadêmica e profissional, especialmente, no que tange a minha trajetória como educadora na etapa da Educação Infantil, no município de Gurupá/PA.

Para tanto, a base teórica deste estudo incluiu o tema “Educação Infantil: reflexões sobre a trajetória de uma educadora”, em que além do relato de experiência profissional foi possível fazer novas discussões acerca dos desafios e possibilidades da atuação docente na Educação Infantil. Para tanto, utilizou-se um referencial rico de autores que apresentam conceitos e pensamentos relevantes sobre o tema, além da utilização de leis que regem a educação como a Constituição Federal de 1988 e Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).

Acredito na relevância de abordar esse tema, pois, no decorrer do curso de Pedagogia ofertado pela Universidade Federal do Pará, por meio do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), percebi o quanto essa etapa exerceu uma importância ímpar na minha formação como docente, me possibilitando novas aprendizagens, as quais serão consolidadas no decorrer de toda a minha vida, e de forma especial, na minha atuação como educadora no espaço escolar.

Refletir sobre a minha experiência como docente na Educação Infantil, no município de Gurupá, me possibilitou perceber que o trabalho pedagógico na pré-escola vai muito além do simples ato de cuidar. É preciso que o educador tenha a constante reflexão sobre sua prática docente, pois é um período marcado por muitas transformações e descobertas, que proporcionam o florescer da imaginação, da criatividade e de instantes preciosos, mas, que precisam ser mediados e conduzidos pelo professor, para que se consiga utilizar recursos didáticos de maneira lúdica e assim, possibilitar uma aprendizagem efetiva na Educação Infantil.

A literatura demonstra o quanto a etapa da Educação Infantil é importante para o desenvolvimento intelectual e cognitivo das crianças, pois ao frequentar turmas do pré-escolar o aluno estará em contato com diversas formas de brincar, estará em contato com outras crianças, sendo possível desenvolver suas habilidades sociais, cognitivas e motoras. Segundo Barbosa (2009, p.19) “os primeiros anos de escolarização são momentos de intensas e rápidas aprendizagens para as crianças.”.

Reconhecendo tal importância, por meio deste estudo trarei relatos da minha trajetória de vida e profissional, visando refletir sobre as práticas pedagógicas que fizeram parte da minha trajetória educacional, bem como, aquelas que desenvolvo atualmente como educadora da Educação Infantil.

Neste trabalho foi adotado como metodologia, a pesquisa do tipo descritivo autobiográfica, que segundo Gil (2002) proporciona ao pesquisador descrever fatos e os relacionar com a temática abordada. Para tanto, utilizou-se uma abordagem qualitativa, que de acordo com Minayo (2001), este tipo de abordagem trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, que neste caso servirão como fonte de reflexão sobre o tema escolhido.

Campos (2015) reforça esse pensamento, dizendo que o memorial possibilita ao sujeito ser o produtor do texto e, ao mesmo tempo objeto da pesquisa. Além disso, o memorial possibilita o sujeito a criar uma linha de reflexão traçada entre o passado, o presente e as perspectivas para o futuro, podendo assim, refletir sobre os fatos significativos das relações pessoais que possibilitaram seu “crescimento”, tanto como pessoa, quanto como profissional.

Desta forma, o gênero acadêmico memorial empregado nesta pesquisa, permitiu oportunizar ao sujeito se conectar com os fatos e lembranças e, a resgatar memórias e vivências passadas, possibilitando ao autor refletir sobre suas conquistas e traçar objetivos. A pesquisa bibliográfica, segundo Gil (2002), traz como característica a investigação sobre diversas fontes documentais, foi utilizada neste trabalho como forma de buscar aportes teóricos, para possibilitar uma reflexão qualitativa da narrativa feita.

De acordo com Minayo (2001), a abordagem qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, que neste caso servirão como fonte de reflexão sobre minha trajetória de vida e profissional.

Para fundamentar teoricamente este trabalho buscou-se em Tardif (2003) referências sobre as influências sociais e profissionais no decorrer da formação docente, as quais resultam em práticas adotadas em sala de aula, sendo que, segundo o autor, as mais significativas, são as que observamos enquanto discentes.

Freire (1996) enfatiza a necessidade de uma reflexão crítica sobre a prática educativa, sem a qual a teoria pode se tornar apenas discurso e a prática uma reprodução alienada, sem questionamentos. Defende ainda que a teoria deve ser adequada à prática cotidiana do professor, que passa a ser um modelo influenciador de seus educandos, ressaltando que na verdadeira formação docente devem estar presentes a prática da criticidade ao lado da valorização das emoções.

Na abordagem de Figueiredo (2018) o educador da Educação Infantil deve estar em constante vigilância e observação, atento a realidade de cada criança, bem como a peculiaridade da infância, ampliando cada vez mais o caráter do cuidar e ensinar, proporcionando um espaço educativo que objetive o desenvolvimento integral da criança.

Portanto, este documento está dividido em diversas partes, iniciando com a narrativa deste memorial em que foi realizada uma reflexão sobre a minha trajetória de vida/familiar. Em seguida, foram destacados pontos relevantes da minha trajetória escolar, incluindo experiências adquiridas na etapa do Ensino Fundamental, Ensino Médio e Superior. Partiu-se para relatos da minha formação educacional e profissional, com destaque para a minha atuação docente, como educadora da Educação Infantil, demonstrando a importância da formação em nível superior por meio do PARFOR. Finalizou-se o respectivo trabalho com uma breve contextualização do tema, no intuito de apresentar os resultados da pesquisa, bem como reforçar a ideia principal do tema em questão.

2. UMA INFÂNCIA HUMILDE

2.1 Entre a humildade e a diversão: Uma infância feliz

Cheguei ao mundo no ano de 1978, nascida na unidade mista da cidade de Gurupá/PA, sou filha do Sr. Manoel das Graças dos Santos Machado e da Sra. Maria do Céu Bahia Machado, a segunda filha de uma prole de quatro filhos. Meus pais nasceram e se criaram na cidade de Gurupá, são filhos da região e sempre moraram em Marajó². Meus pais tiveram acesso ao sistema nacional de ensino, contudo, meu pai é semianalfabeto, visto que por diversos motivos largou a escola muito cedo. Por sua vez, minha mãe estudou até o segundo grau, em meados dos anos 1990, por meio do Sistema de Organização Modular de Ensino (SOME).

Meu pai se dedicava a pesca e trabalhava e nas horas vagas, mas também trabalhava com aparelhagem de som, quando era contratado ia tocar nas festividades nas comunidades na cidade e interior e, depois se dedicou ao trabalho autônomo.

Posso afirmar que a minha infância foi bem simples, mas cheia de cuidados e muito amor e permeada por brincadeiras na rua da cidade de Gurupá, nos quintais da casa dos meus vizinhos, participava com outras crianças de várias brincadeiras de roda e brincadeiras de cavalinhos. Eu tive uma infância muito feliz, lembro que possuí toda a liberdade de correr pelas

² O território do Município de Gurupá está localizado no nordeste do Estado do Pará, na zona fisiográfica do Marajó e Ilhas. Primitivamente era habitado por indígenas, até que, em época desconhecida, os holandeses ali se estabeleceram construindo feitorias e portos fortificados. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/gurupa/historico>

ruas sem me preocupar com veículos circulando, uma vez que não havia carros, caminhões e motocicletas à venda em Gurupá em meados dos anos de 1980.

Assim, na década de 1980, era raro ver bicicletas, atualmente, as crianças não brincam daquela forma, pois além dos perigos com os veículos, ainda têm que se preocupar com a violência, pois em Gurupá não houve crescimento econômico que fosse suficiente para dar condições de moradia e emprego dignos a população, bem como houve pouco investimento em saúde, esporte e lazer. Esses são fatores que deixam os cidadãos à margem da sociedade, haja vista que a maior fonte de emprego do município é a prefeitura, não havendo um plano de investimento para que as empresas de fora do Estado invistam seu capital e tragam ofertas de trabalho para a população.

Apesar de ter a plena consciência que tive uma infância bastante proveitosa, acredito que tenha ficado uma “lacuna”, pois não tive a oportunidade de frequentar a etapa da Educação Infantil, pois quando eu era criança a prefeitura de Gurupá não ofertava essa etapa na rede municipal de ensino. Sendo assim, quando criança, não entrei em contato com atividades que pudessem me possibilitar o desenvolvimento da coordenação motora e a socialização por meio de práticas lúdicas, e durante muito tempo meu sentimento foi de vazio por não ter tido tal oportunidade, isso me fez refletir sobre as palavras do autor que enfatiza que:

Brincando a criança desenvolve a imaginação, fundamenta afetos, explora habilidades e, na medida em que assume múltiplos papéis, fecunda competências cognitivas e interativas. Como se tudo isso já não fizesse do ‘ato de brincar’ o momento maior da vida infantil e de sua adequação a desafios, é brincando que a criança elabora conflitos e ansiedades, demonstrando ativamente sofrimento e angústias que não sabe como explicitar (ANTUNES, 2004, p. 31).

O autor reflete sobre a importância da Educação Infantil para uma criança, visto que na escola elas têm a oportunidade de brincar através de brincadeiras direcionadas, além de explorar habilidades essenciais para o seu desenvolvimento integral. Para que a criança possa desenvolver suas potencialidades, torna-se essencial que seja ofertado um ambiente favorável ao seu desenvolvimento.

A literatura nos mostra que, no Brasil, a preocupação com a educação de crianças de zero a seis anos ganhou destaque após a promulgação da Constituição Federal de 1988 e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, que reconhecem as crianças como sujeitos de direito, garantindo o direito à educação à todas as crianças brasileiras.

Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (BRASIL, 1988).

Como pode-se verificar, as referidas leis podem ser consideradas como conquistas da sociedade brasileira, principalmente para as crianças, uma vez que elas são reconhecidas, a partir daí, como sujeitos de pleno direito. A ideia, através desta definição e de todos os textos relativos ao bem-estar da criança, é que a criança é um ser humano com direitos e dignidade.

Com a Constituição Federal, vieram conquistas significativas, destacando-se as leis que estão relacionadas a legislação educacional brasileira, dentre elas, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394, de 20 de 1996, que definiu a Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica.

Art. 29. A Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (BRASIL, 1996, Art. 29).

A lei afirma claramente que as escolas devem fornecer acesso à aprendizagem para todas as crianças. Na verdade, o sucesso na escola pode ser ainda mais importante para algumas crianças como forma de compensar problemas físicos. A partir da LDB 9394/96, surgiram outros documentos importantes que visam direcionar a Educação infantil no país e um deles é o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (RCNEI), mostrando que:

Na instituição de Educação Infantil, pode-se oferecer às crianças condições para as aprendizagens que ocorrem nas brincadeiras e aquelas advindas de situações pedagógicas intencionais ou aprendizagens orientadas pelos adultos. É importante ressaltar, porém, que essas aprendizagens, de natureza diversa, ocorrem de maneira integrada no processo de desenvolvimento infantil (BRASIL, 2006, p. 23).

A literatura relevante vem demonstrar que apesar de trazer significativos avanços para a época, no caso do ano de 2009, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), era voltado para as orientações dos conteúdos e objetivos de aprendizagem. Com a chegada das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), de 2009, foi possível perceber a criança como o principal foco do processo de aprendizagem.

De acordo com Paschoal e Machado (2009 apud BARRETO, 1998), no final dos anos 90, o Conselho Nacional de Educação, aprovou as Diretrizes Curriculares Nacionais para a

Educação Infantil que direcionava, de forma obrigatória as orientações para essa etapa da educação básica (BRASIL, 1998).

Atualmente, a Educação Básica no Brasil é direcionada pela Base Nacional Comum Curricular, que foi aprovada em 2018, que define:

Como primeira etapa da Educação Básica, a Educação Infantil é o início e o fundamento do processo educacional. A entrada na creche ou na pré-escola significa, na maioria das vezes, a primeira separação das crianças dos seus vínculos afetivos familiares para se incorporarem a uma situação de socialização estruturada. (...) A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções. Tendo em vista os eixos estruturantes das práticas pedagógicas e as competências gerais da Educação Básica propostas pela BNCC, seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento asseguram, na Educação Infantil, as condições para que as crianças aprendam em situações nas quais possam desempenhar um papel ativo em ambientes que as convidem a vivenciar desafios e a sentirem-se provocadas a resolvê-los, nas quais possam construir significados sobre si, os outros e o mundo social e natural (BRASIL, 2018, p. 32).

Assim, parte-se da percepção de que a legislação trouxe avanços significativos, conforme a visão de Paschoal e Machado (2009, apud Barreto, 1998) ressaltam que a legislação trouxe avanços significativos, principalmente sobre reconhecimento da importância de que a criança tenha acesso à educação desde seus primeiros anos de vida. Segundo eles, durante muito tempo no Brasil não houve a devida atenção com a educação ofertada às crianças pequenas.

O que caracteriza a criança, é a sua juventude e vulnerabilidade, de fato, a criança está crescendo, um futuro adulto, que não tem como se proteger. Assim, a criança tem de ser objeto de um interesse particular e de uma proteção específica, nessa perspectiva, foram adotados textos que proclamam a proteção da criança e de seus direitos.

Do ponto de vista histórico, a educação da criança esteve sob a responsabilidade exclusiva da família durante séculos, porque era no convívio com os adultos e outras crianças que ela participava das tradições e aprendia as normas e regras da sua cultura. Na sociedade contemporânea, por sua vez, a criança tem a oportunidade de frequentar um ambiente de socialização, convivendo e aprendendo sobre sua cultura mediante diferentes interações com seus pares (PASCHOAL; MACHADO, 2009, p. 79 apud BARRETO, 1998 p. 25).

Infelizmente, vivenciei uma época em que não havia preocupação com a educação de crianças, sendo necessário levar em consideração o fato de que os municípios afastados da capital, são muitas vezes negligenciados pelo poder público. E, com isso, infelizmente, até aos

dias de hoje, tem havido uma demora para as inovações educacionais acontecerem, mesmo diante a um cenário tecnológico.

Isso fez refletir sobre a importância da legislação escolar, uma escola pública típica contém alunos de todas as esferas da vida. As questões escolares ficaram mais complicadas nos últimos anos, e o sistema educacional brasileiro precisa de melhorias para acompanhar o ritmo, por esta razão, as legislaturas estaduais continuamente criar e alterar leis. Os líderes escolares familiarizados com as leis educacionais atuais podem consultar as leis aplicáveis ao lidar com os desafios que surgirem, compreender essas leis também os ajudará a evitar problemas potenciais.

3. TRAJETÓRIA EDUCACIONAL/ESCOLAR

3.1 Entrada para a escola

Iniciei minha vida escolar com cinco anos de idade, no ano de 1983, na Escola Municipal Pinguinho de Gente, nessa época as crianças eram matriculadas para serem alfabetizadas e assim estarem preparadas a cursar a 1ª série do Ensino Fundamental. No primeiro dia de aula, me recordo que conheci meus colegas e um ambiente escolar bem humilde, sendo que uma das atividades mais interessantes era a de colagem, pintura, contos e as musiquinhas da escola, mas antes de começar a aula precisávamos fazer a oração do pai nosso.

Tenho algumas vagas lembranças, mas dos professores lembro bem, não necessariamente por nome, mas recordo que sempre tive professoras muito carinhosas que até hoje tenho saudades. Mas houve outras que me causavam medo, pois costumavam gritar com as crianças quando não eram obedecidas e até batiam, devido a isso, por algumas vezes, não sentia vontade de ir à escola.

De acordo com Freire (1996, p. 36), “a autoridade docente mandonista, rígida, não conta com nenhuma criatividade do educando. Não faz parte de sua forma de ser, esperar, sequer, que o educando revele o gosto de aventurar-se”. O autor enfatiza o quanto é perigoso esse autoritarismo em sala de aula, visto que causa o medo e pouca autonomia para construir o próprio conhecimento. No meu caso, esse autoritarismo potencializava minhas dificuldades, haja vista que já nas aulas do professor Pimentel, não conseguia compreender o assunto abordado por ele, fato que acredito ter relação com a rigidez que ele tratava os alunos, sendo que essas atitudes refletiram em mim o que bem colocou o autor supracitado.

Durante todo o tempo que estudei em uma das instituições, chorava e não sentia vontade de ir à escola, pois as professoras me batiam com sandália quando eu não queria fazer atividade,

pois tudo deveria ser como elas queriam e não era como eu queria, não podia falar na hora da atividade, devido a isso surgiam muito medo e dificuldades no processo de aprendizado.

Essas lembranças trazem à tona as dificuldades que encontrei ao longo da minha trajetória enquanto estudante, que começaram a fazer parte da minha realidade educacional a partir desse momento, pois o local que eu idealizei como aconchegante e cheio de receptividade e aprendizados, se mostrou estafante e entediante.

Tal fase da minha vida me fez refletir sobre a importância do amor na educação, visto que quando o professor estabelece um vínculo afetivo com o seu aluno, isso irá refletir também na autoestima, entusiasmo e motivação para aprender, conforme entende o autor:

Sabendo-se que em toda educação o que mais marca é, primeiro, o amor; depois, o exemplo; e, em terceiro lugar, o ensino, seria essencial que o (a) educador (a) infantil tivesse ilimitado amor a sua profissão e integral condição de transmiti-la através de seus atos, seus gestos e de suas intervenções. Que gostasse muito de crianças e que mostrasse extremamente sensível ao afeto que desperta e às dores e angústias que revele (ANTUNES, 2004, p. 60).

O referido autor contribui para o entendimento de que o educador infantil deve ter antes de tudo amor pela profissão, para que se tenha na sala de aula um ambiente propício à aprendizagem. No que tange a minha experiência com professores autoritários posso afirmar que não foram momentos bons, pois muitas vezes alguns professores não faziam com que o ambiente da sala de aula fosse tão afetivo quanto precisávamos.

Recordo-me, ainda, que quando criança tinha uma professora que era bastante rígida, em sua mesa havia sempre uma régua de madeira, que ela utilizava para bater nos alunos, caso alguém desrespeitasse ou descumprisse as regras, ou seja, o aluno que fosse peralta ou bagunceiro ela repreendia com “reguada” e puxões de orelha. Diante disso, eu ficava muito nervosa durante as aulas. Meu nervosismo era tanto que não conseguia acompanhar o ritmo da turma e somente aprendi a ler algum tempo depois.

De acordo com Freire (1996), o educador deve ter muita atenção com relação as suas atitudes em sala de aula, pois elas marcam positiva ou negativamente o educando. Pensando nisso, hoje, com as vivências que possuo de sala de aula, bem como os conhecimentos que adquiri no decorrer do curso de pedagogia, levam-me a supor que minha professora não percebia as dificuldades dos alunos, pois suas aulas eram sempre com ela falando e os alunos obedecendo.

Com relação a metodologia utilizada pela professora, Freire (1996), nos mostra que o educador não deve inibir ou dificultar a curiosidade dos alunos, muito pelo contrário, deve

estimulá-la, pois dessa forma desenvolverá a sua própria curiosidade. E ela é fundamental para desenvolver a imaginação, intuição, capacidade de comparar, transformar e transcender.

Complementando a colocação anterior, temos Carbonell (2002), enfatizando que a aprendizagem só acontece, quando está presente o desejo, a motivação e o mínimo de fabulação. Portanto, para que haja aprendizagem, é necessário instigar a curiosidade do aluno, despertar o aumento da autoestima.

Naquela época, meados dos anos 80, a metodologia utilizada era a que Freire (1996), classificou como “Bancaria”, ou seja, um ensino tradicional em que o aluno é visto pelo educador como um banco no qual o conhecimento deve ser depositado, ou seja, o aluno é como um cofre vazio que vai ser preenchido até ficar cheio, sendo que o professor é o detentor de toda a sabedoria.

Atualmente, percebo que com essa forma de ensinar, poucos atingiam os objetivos para a inserção no mundo da leitura e da escrita, pois as atividades nos eram colocadas de forma descontextualizada, os cartazes eram fixados nas paredes, reforçando a memorização das letras, sílabas e números, esses suportes eram responsáveis pelo coral coletivo que aconteciam todos quando a professora nos mandava ler.

Bem coloca Freire (1996) quando destaca que a construção de um saber junto ao educando depende da relevância que o educador dá ao contexto social, à tradição da comunidade à qual ele trabalha, para conseguir aproximar os conteúdos da realidade vivida pelo educando.

De acordo com Soares (2003), cabe ao professor alfabetizador o papel de proporcionar à criança, tanto a apropriação do sistema de escrita, quanto prepará-la para que saiba fazer uso dela como objeto sociocultural com diferentes funções, enfatizando que esse aprendizado perdura no decorrer de toda a vida. Dentro dessa perspectiva, acredito que o uso da leitura e da escrita como função social, ou seja, construir, ler, compreender e inferir sobre os assuntos abordados. Estas ações ainda estavam distantes da minha realidade, naquele momento, ou seja, estávamos apenas aprendendo o alfabeto e decorando as palavras.

Hoje entendo que ensinar o código seja necessário, porém é de suma importância que esteja dentro de um contexto mais amplo, para que assim as palavras possam fazer sentido para as crianças. De acordo com Freire (1996, p.47), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção”.

Assim, acredito que as atividades precisam possibilitar e fazer com que o aluno descubra suas habilidades, vivenciadas através de experiências concretas e significativas, para que

aprenda a conhecer suas emoções, pensamentos, imaginação, sentimentos e sobretudo, essas atividades precisam ter significado.

3.2 Ensino Fundamental

Considero que minha experiência como estudante da etapa do Ensino Fundamental na Escola Estadual Marcílio Dias, no ano de 1987, na 1ª série, foi bastante desafiadora, pois o ensino ofertado pelos professores dessa escola era diferente, eles costumavam utilizar cartilhas, chamavam um por um para tomar a lição, faziam isso repetidas vezes. Além disso, sempre ao chegar a escola éramos direcionados a ficar em frente a Bandeira para cantar o hino nacional todos em uma fila, uniformizados de saia de prega, meia até próximo do joelho, camisa branca, sapato azul ou branco que chamavam de conga.

Quando terminávamos de cantar o hino do Brasil, nos direcionávamos para a sala, nesse local não podíamos escolher um lugar para se sentar, pois quem fazia isso era a professora, dessa forma, não podíamos nos sentar junto a nossos colegas. A professora sempre estava atenta a questão da higiene, examinando o cabelo de cada aluno para ver se estavam com piolho no couro no couro cabeludo, olhava ainda nossas unhas para ver se estavam cortadas. No que concerne a aprendizagem, as professoras desse período trabalhavam muito atividades com ditado e texto, contação de histórias, teatro etc.

Um fato importante da minha vida diz respeito a repetência, visto que repeti por dois anos a 1ª série, 2ª série, 3ª série, talvez um dos motivos de minhas repetências tenha sido a dificuldade na leitura, pois naquela época, entre os anos 80 e 90, era utilizada como ferramenta pedagógica apenas a cartilha, onde tínhamos que decorar o texto lido.

Esse tipo de método de ensino se caracteriza como método sintético, que segundo Charmeux (1995) citado em Santos (2014) não passam de ferramentas prontas de aprendizagem. Práticas como a utilização das cartas de ABC, repetição de letras e ditado de palavras eram vivenciadas no método fônico. É interessante salientar que o auge desse método coincidiu com a predominância da tendência tradicional que considerava a criança como uma tábua rasa e o professor como o dono do saber. Assim, o aluno deveria aprender somente o que era ensinado pelo professor e a cartilha era a única ferramenta de aprendizagem.

Quando passei para a 4ª série não repeti, mas fiz o supletivo, que foi ofertado para quem estava em defasagem idade/série. A modalidade de ensino supletivo se caracteriza-se como uma proposta diferente do ensino regular em sua estrutura, duração e metodologia. O ano era 1993 e foram ofertadas turmas de supletivo em Gurupá, e minha mãe, sabendo das minhas dificuldades resolveu me matricular na Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF)

Mariocay. Estudei seis meses na 4ª série e seis meses na 5ª, conseguindo passar para a 6ª série e não repeti mais. Porém, já na 8ª série parei por motivo de doença, pois tinha problema hormonal, anemia e infecção urinária. Me tratei e continuei estudando, conseguindo concluir o Ensino Fundamental em 1992.

Lembro-me de estar na 5ª série e minha professora me chamou de lado e disse que via potencial em mim, ela trabalhou comigo individualmente e me ensinou a dividir frações. Jamais esquecerei o momento em que senti que poderia aprender alguma coisa. Foi no exato momento que a professora me disse que eu podia, imagine se esse mesmo professor não tivesse dedicado tempo para se importar o suficiente para construir minha autoeficácia, com apenas algumas palavras, o professor fez de mim uma aluna empenhada e motivada.

3.3 Ensino Médio

Ingressei no Ensino Médio no ano de 1994, o famoso 2º grau, no Sistema de Organização Modular de Ensino (SOME) que de acordo com Queiroz (2010) é um programa administrado pela Secretaria de Educação desde 1982, como forma de ofertar o Ensino Médio presencial para cidades do interior do Pará, com metodologia curricular diferenciada do ensino regular, através de módulos, para que estudantes de locais que não oferta ensino médio possam estudar sem ter que se ausentar do seu município e nem ficar longe de suas famílias.

Quando entrei no ensino médio, construí relacionamentos fortes com meus professores, o que me permitiu construir capital humano e social. Se essas relações não existissem, o que não acontecia com alguns dos alunos mais desafiadores, os alunos, por sua vez, não tinham acesso à construção desse capital social. Ainda no Ensino Médio, fiquei fascinada pela maneira que meus professores ministravam aulas, alguns viajavam de Belém até Gurupá para dar aulas, visto que tinham várias matérias, ali compreendi que algum dia eu poderia ministrar aulas.

3.4 PARFOR: o ensino superior

As experiências adquiridas no Ensino Superior foram desafiadoras, visto que pude adquirir muitos conhecimentos que foram essenciais para a minha atuação em sala de aula. Confesso que durante toda a minha trajetória como estudante, sonhei em conquistar um diploma em um curso de nível superior. Este sonho se tornou realidade a partir do ano de 2019, quando iniciei o curso de Pedagogia ofertado pelo Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR).

O PARFOR foi criado para contribuir com a formação de professores em exercício das escolas públicas estaduais e municipais que não tinham graduação superior adequada à Lei de

Diretrizes e Bases da Educação (LDB), ofertado pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Esse momento da entrada na faculdade foi muito importante, pois percebi que nenhum obstáculo pode superar a força de vontade, pois o sonho de cursar o Nível Superior estava se realizando, mas não foi fácil.

O curso me garantiu grandes avanços, a cada etapa eu aprendia algo novo que me possibilitava ter uma visão mais ampla sobre a pedagogia e o fazer docente. A cada módulo, era como se eu tirasse uma “venda” dos meus olhos, me permitindo enxergar o quando precisava estudar, a partir disso, comecei a compreender que a educação é um processo contínuo que de acordo com o autor:

Quando entendemos que a prática será tanto mais coerente e consistente, será tanto mais qualitativa, será tanto mais desenvolvida quanto mais consistente for a teoria que a embasa, e que uma prática será transformada à medida que exista uma elaboração teórica que justifique a necessidade da sua transformação e que proponha as formas de transformação, estamos pensando a prática a partir da teoria. Mas é preciso também fazer o movimento inverso, ou seja, pensar a teoria a partir da prática, porque se a prática é o fundamento da teoria, seu critério de verdade e sua finalidade, isto significa que o desenvolvimento da teoria depende da prática (SAVIANI, 2005, p. 107).

Assim, de acordo com as disciplinas estudadas, fui adquirindo novos conhecimentos e tendo contato com diversos docentes, cada um com sua didática, trouxeram avanços significativos para mim como discente, o que garantiu mudanças na minha atuação como educadora. Encontrei no curso, as teorias que explicavam minhas dúvidas com relação a aprendizagem e atuação do educador em sala de aula, bem como pude confrontá-las com minha prática docente.

No Ensino Superior, muitos professores traziam metodologias de trabalho diferentes daquelas que tínhamos no Ensino Fundamental e Ensino Médio, ou seja, eram dedicados e competentes, além disso criavam possibilidades de reflexão através de nossas vivências. A grande maioria dos professores não estavam ali apenas para ministrar as disciplinas, mas compartilhavam suas experiências de vida, muito mais que o simples contato na sala de aula, compartilhavam sonhos, suas lutas e crescimento profissional.

Além de nos incentivar, mostravam os caminhos que precisávamos seguir para ampliar nossos conhecimentos, aprendi muita coisa com isso, foi quando percebi o quanto é importante a relação professor-aluno, a grande diferença quando podemos contar com alguém atuando como mediador do processo, ou seja, precisamos do outro para sermos quem somos.

Vale lembrar que foi no curso superior que consegui aprimorar meus conhecimentos fazendo análises utilizando a pesquisa como foco da aprendizagem e isso me possibilitou obter

conhecimentos acerca de teóricos referenciados, foram momentos que eu pude ter uma visão ampla sobre minhas práticas, proporcionando algo que antes não conseguia ver e nem refletir.

As leituras na fase do Ensino Superior foram importantes e indispensáveis, uma vez que foi através delas que eu tive acesso a estudos que a priori me fizeram questionar sobre muitos assuntos. A partir disso compreendi que minhas práticas precisavam ter embasamento teórico e, que não poderiam acontecer de qualquer jeito, deixando o trabalho organizacional ser esquecido, como muitas vezes acontece no cotidiano da escola, no que tange a prática pedagógica docente, o autor enfatiza que:

[...] a prática pode ser vista como um processo de aprendizagem por Intermédio do qual os professores retraduzem sua formação e a adaptam à profissão [...] A experiência provoca, assim, um efeito de retomada crítica (retroalimentação) dos saberes adquiridos antes ou fora da prática profissional (TARDIF, 2003, p. 53).

Partindo da reflexão feita pelo autor, acredito que durante a minha trajetória acadêmica fui me reconstruindo como profissional e principalmente como pessoa, sendo a convivência em grupos de trabalho uma lição de vida e de aprendizados, onde buscamos em conjunto entender o fazer pedagógico dentro de uma visão flexiva e reflexiva, e assim, compreender que a organização do trabalho pedagógico é um processo que requer um olhar crítico e sensível.

Por muitas vezes me questioneei, tentando compreender se os profissionais que eu conheci no decorrer da minha vida estudantil, até mesmo colegas de trabalho, tinham deixado de lado tudo aquilo que aprenderam na universidade, no decorrer de sua graduação. Pensando assim, passei a rever muitas questões sobre a sala de aula. As teorias, os livros e artigos estudados e debatidos, foram primordiais para que eu passasse a entender a importância da educação.

Na universidade, dentre as muitas coisas que aprendi, uma das mais importantes foi o ato da reflexão, quando passei a perceber que os anos em que eu trabalhei como professora não eram nada diante do que eu tinha conhecido e, o que ainda deveria conhecer. Entendi que formação, conhecimento e pesquisa são elementos primordiais para o fazer pedagógico.

Compreender o processo que existe sobre a construção do trabalho pedagógico e as exigências de uma boa atuação docente, me fez ver que quando a prática não é conceituada e refletida, o foco do trabalho pode ser esquecido e deixado de lado. Freire (1996, p. 39) fala que “[...] é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”.

Assim, ao refletir sobre minha trajetória docente pude rever conceitos e práticas adotadas no fazer pedagógico, com turmas da Educação Infantil. Ainda sobre esse assunto, vi na graduação o quanto o professor é referência para o aluno. Independente da forma em como cada um exerce sua prática, ele ensina. Lembro de muitos mestres que traziam em suas práticas a preocupação de fazer o aluno ter confiança em si, levando em consideração a vivência, a história, as dificuldades e os traumas que a vida sofrida lhes tinha deixado.

Tardif (2003), considera a prática educativa como elemento primordial ao desenvolvimento de uma consciência profundamente social, uma vez que os educadores, em sua ação não trabalham com “coisas” e nem com objetos, mas com os seus semelhantes dotados, também, de liberdade.

Conheci professores que permitiram-nos vivenciar a troca de experiências, por outro lado houve outros que deixaram as portas abertas para que pudéssemos tirar nossas dúvidas, incentivando seus alunos a ler, a entender e interpretar. Eles instigavam a nossa criatividade. Lembro que íamos a campo com suporte e éramos acompanhados e orientados de perto, eles nos faziam ver nossa realidade e enxergar nossas dificuldades.

No Ensino Superior, havia a existência de recursos para que pudéssemos exercer nossa prática com qualidade, professores que sempre estavam disponíveis para auxiliar em sala de aula e fora dela. Esses foram os professores que guardo na memória e serão lembrados pela profissional que busquei sempre ser.

Considero válido poder avaliar as práticas dos professores que foram responsáveis pela minha construção pessoal e profissional, tudo isso foi um processo importante e, conhecer pessoas como esses educadores me fizeram refletir e escolher o profissional que eu não queria ser. Esses fatos são explicados por Tardif (2003) quando afirma que devemos compreender que a prática na qual estabelecemos nosso fazer pedagógico, vem sendo construída no decorrer de nossa trajetória, são saberes que nem sempre serão ensinados na teoria, pois os adquirimos ao observarmos os professores que tivemos e dos colegas no espaço de trabalho.

Assim, por ser significativa esta observação, inconscientemente selecionamos o que seguir e o que devemos descartar. Posso afirmar que foi preciso muita força de vontade e isso me incentivou a estudar, a ver na graduação à oportunidade da minha vida, foi um processo árduo e necessário, minha maior tarefa foi buscar durante o curso metas para minha vida como educadora.

E, as experiências vividas na sala de aula me permitiram compreender que o papel do educador está pautado na flexibilidade, buscando trabalhar direcionado por um caminho de possibilidades dentro da escola, com práticas bem direcionadas, compreendendo a ligação entre

minhas práticas e a questões voltadas ao ensinar e aprender e acima de tudo entender a relação deles dentro do mesmo espaço.

Se meus professores tivessem pensado que, devido ao meu status socioeconômico ou aos valores familiares, eu não poderia me sair tão bem quanto os outros alunos, mesmo tendo o mesmo potencial, eu teria sido vítima das atitudes negativas. Infelizmente, alguns professores não acham que certos alunos possam ter sucesso por causa de fatores que ocorrem fora da escola e, por acreditarem nisso, eles, por sua vez, interagem com o aluno de uma certa maneira que não cultiva o potencial desse aluno. Acredito que essa negatividade que é gerada nas Instituições públicas se transforma na queda do acesso das comunidades à mobilidade social por meio do sistema educacional.

4. TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

4.1 Iniciando a trajetória docente

Frequentemente os professores são questionados sobre o porquê decidiram se tornar professores, e eu não sou exceção, sempre fui uma aluna dedicada que sempre buscou obter as melhores notas em todas as atividades que desenvolvia, mas também precisava trabalhar para ajudar em casa enquanto estudava. Orientar os alunos a se tornarem aprendizes independentes é uma meta que estabelecemos desde o primeiro dia no jardim de infância.

Usamos uma abordagem de liberação gradual de responsabilidade, modelando e orientando cada aluno em um ritmo adequado ao seu desenvolvimento. Isso pode ser um enorme desafio no jardim de infância, especialmente quando os alunos estão aprendendo a escrever e ler. No entanto, as recompensas são enormes e cada dia é repleto de momentos de alegria e celebração, pois os alunos aprendem muitas novas habilidades.

Lembro-me de uma fase traumática da minha vida em que sentia muitos receios se estava de fato preparada para trabalhar como professora. Hoje entendo que ao tentar entender por que alguns alunos vão bem e outros não, é importante explorar o poder que os professores têm não apenas com seu ensino, mas com suas percepções, independentemente de saberem ou não, ou se de fato estão preparados para desempenhar um bom trabalho em sala de aula.

Minha jornada na carreira docente começou quando eu tinha 29 anos, momento em que tive a oportunidade de me desenvolver como profissional da educação e me aprimorar com o passar dos anos. No ano de 2016, surgiu uma oportunidade de trabalho na Escola Municipal de Educação Infantil - EMEI Criança Feliz, para lecionar em uma turma do Jardim I da Educação Infantil, juntamente com a professora Nice Castro. Após aceitar o desafio, busquei ajuda com

uma amiga que era professora, pedindo a ela que me orientasse sobre como poderia desenvolver um bom trabalho em sala de aula.

Ela foi muito gentil, me explicou como construía seus planos de aula e assim, iniciei meu próprio planejamento baseado em livros e pesquisa na internet. Tardif (2003, p. 73) aborda sobre tal fato afirmando que “As experiências escolares anteriores e as relações determinantes com professores contribuem também para modelar a identidade pessoal dos professores.”. Hoje percebo o quanto essa experiência foi importante para a minha evolução, como pessoa e como profissional, pois segundo o autor, carregamos experiências discentes, apreendidas ao observar os professores antigos e através da vivência com os atuais, são experiências prévias à sua prática, mas que determinam muitas ações e metodologias ao trabalhar.

Posso, então, afirmar que as experiências adquiridas com outros professores abriram muitas portas para que eu pudesse me desenvolver profissionalmente e contribuir com minhas próprias experiências para a comunidade. Desde então, passei meu tempo ensinando, refletindo sobre meu ensino, escrevendo e apresentando minhas ideias. Tudo isso foi possível graças ao compartilhamento e troca de experiências com professores que encontrei durante minha jornada profissional. Tornar-me uma professora conectada, por meio das mídias sociais e interações face a face, permitiu que eu me envolvesse mais com o ensino e com a educação em geral e, definitivamente, com a mente mais aberta.

Agora estou em uma posição em que sinto que devo retribuir parte da imensa ajuda, orientação e consideração que recebi nos primeiros anos de minha carreira, ajudando outros professores sempre que posso. Segundo Tardif (2003), o trabalho docente é um trabalho solitário, que acontece dentro de sala de aula, entre o professor e seus alunos, com suas dúvidas e certezas, um “saber-fazer” único. Ao refletir sobre sua prática, sozinho ou com seus pares, o professor tem a oportunidade de orientar o seu “saber-fazer” em sala de aula.

As observações do autor tornam-se significativas quando me recordo das minhas primeiras experiências e percebo o quanto me esforcei para que minha prática em sala de aula fosse diferente daquelas das quais não me possibilitaram aprender, e o quanto me esforcei para ajudar os alunos que tinham dificuldades, assim como alguns educadores fizeram comigo.

Em 2017, iniciei meu trabalho como titular da turma do Maternal, com crianças de três anos, utilizando as mesmas metodologias e tentando estimular em meus alunos o prazer de estar na escola. Outra prática que sempre busquei manter foi o diálogo com as famílias dos alunos, me colocando à disposição sempre que precisam sanar alguma dúvida sobre o aprendizado de seus filhos.

Ensinar é uma profissão tão gratificante, mas tem tantas facetas que vale a pena explorar. Se eu pudesse resumir em poucas palavras, seriam explorar, conectar, compartilhar, aprender. Já em 2018, continuei na mesma escola, porém fui selecionar para turmas de alunos na faixa etária de idade de quatro anos, para substituir outra professora, enquanto estava afastada para tratamento de saúde. Quando ela retornou, fui trabalhar com o outro professor, com criança de três anos a pedido da coordenadora da escola, pois a turma era bastante agitada e nenhum professor conseguia trabalhar com os alunos. Logo que cheguei à escola percebi que realmente eram crianças bem agitadas, choravam e brigavam muito.

Quando percebi o tamanho do desafio, então passei a pesquisar, ler e me informar para compreender como desenvolver um trabalho que fosse significativo para aquelas crianças. Dentre as leituras e pesquisas que precisei realizar, um conhecimento foi importantíssimo, pois passei a entender que o processo de ensino e aprendizagem precisa ser desenvolvido em um ambiente que proporcione criatividade, respeito mútuo, que trabalhe a autoestima e o prazer de estar adquirindo novos conhecimentos, bem como o professor precisa estar em constante formação, como o alimento essencial à vida.

O conhecimento é essencial na prática docente e é necessário estejamos envolvidos numa busca constante de respostas para os questionamentos e refletir sobre a própria prática para que aconteça mudanças essenciais que ofereçam um melhor ensino aprendido para os alunos. Nesse sentido, sempre estou em constante busca por conhecimento, participando de formações continuadas que possam contribuir com a minha formação.

A partir de então, enquanto educadora, passei a desenvolver e produzir atividades pedagógicas que ajudasse os alunos não somente em suas dificuldades, mas também para desenvolver seus talentos. Acredito que o desafio enfrentado como educadora desta turma me tornou “outra” professora. Sobre esse fato Tardif (2003, p. 56) enfatiza que “O trabalho modifica a identidade do trabalhador, pois trabalhar não é somente fazer alguma coisa, mas fazer alguma coisa de si mesmo, consigo mesmo”.

Na escola que atuo, atualmente, há três coordenadoras pedagógicas para atender turmas no período da manhã e tarde, que totalizam cerca de 400 crianças. Devido a isso, as pedagogas devem fazer o planejamento pedagógico com os professores, feito no início de cada período letivo, considerando o período de renovação dos professores, pois a maioria são contratados.

As atividades pedagógicas planejadas para as turmas de educação infantil na escola EMEI Criança Feliz, são feitas por faixa etária. É feito um planejamento a cada dois meses, sendo um para crianças de três, quatro e cinco anos. Somos orientados pela Secretaria de

educação, com formações que nos incentiva a refletir sobre as metodologias que para atender os seis direitos de aprendizagem estabelecidos pela BNCC, de acordo com o autor:

(...) as competências do professor, na medida em que se trata mesmo de competências profissionais, estão diretamente ligadas às suas capacidades de racionalizar sua própria prática, de criticá-la, de revisá-la, de objetivá-la, buscando fundamentá-la em razões de agir (TARDIF, 2003, p. 223).

Assim, precisamos estar em constante busca de conhecimentos, para compreender e aprender cada vez mais a trabalhar dentro dos objetivos propostos pelo currículo da escola, no qual pontua que o trabalho deve ser desenvolvido norteado pela interação e a brincadeira, para isso existem dias específicos para planejarmos e confeccionávamos materiais que serão trabalhados nas aulas que foram planejadas.

As aulas da Educação Infantil são pensadas e desenvolvidas para ser um momento prazeroso, para isso devem ser propostas atividades que envolvem brincadeiras ao ar livre, estímulo a imaginação, buscando desenvolver nos alunos o prazer pelo aprendizado. Devido a isso, no momento do recreio, almoçamos, o que é uma ótima oportunidade para o jardim de infância brincar em nossa área de recreação especialmente projetada, dando-lhes a chance de correr, deslizar, se esconder e relaxar.

Freire (1996), nos mostra a importância e a complexidade do trabalho docente, resumindo, assim, seu pensamento:

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador e realizador de sonhos (FREIRE, 1996, p. 46).

Dessa forma, entende-se que, quando a aulas são ministradas dentro de propostas que chame a atenção do aluno, o professor estará disponibilizando maneiras pelas quais ele possa aprender, além de fazê-lo ter interesse pelo que está sendo apresentado. Os alunos da escola EMEI Criança Feliz, tem contato com música, dança, esporte, brincadeiras junto a atividades livres.

Sempre busquei refletir sobre minha prática na Educação Infantil, ação esta que me certifica que preciso buscar mais conhecimentos, pois tenho um desejo constante em realizar com as crianças, atividades pedagógicas envolventes e significativas, bem como possibilitar aos meus alunos uma educação de qualidade, de acordo com o autor:

(...) os saberes experienciais surgem como núcleo vital do saber docente, núcleo a partir do qual os professores tentam transformar suas relações de exterioridade com os saberes em relações de interioridade com sua própria prática. Neste sentido, os saberes experienciais não são saberes como os demais; são, ao contrário, formados de todos os demais, mas retraduzidos, “polidos” e submetidos às certezas construídas na prática e na experiência. (TARDIF, 2003, p.54)

De acordo com o mesmo autor, o professor é construído e transformado pela docência, sendo que o trabalho contribui com uma nova identidade do educador, visto que trabalhar possibilita novas experiências, bem como habilidades necessárias para que a atuação em sala de aula seja significativa tanto para os alunos quanto para o professor.

O papel do professor que deseja promover a aprendizagem independente em seus alunos assume três aspectos que são relação professor-aluno, aplicação de metodologias eficazes e avaliação. Crianças que entram no sistema de educação formal são alunos autônomos com intuição. Assim, é importante criar um ambiente que contribua para o processo de autonomia que lhes permitam assumir de forma consciente a responsabilidade pela sua própria aprendizagem e tomar decisões nesta área.

Enquanto professora da Educação Infantil, posso afirmar que busco sempre desempenhar um papel importante neste nível, proporcionando aos meus alunos um ambiente propício que estimula a motivação, a autoconfiança, a curiosidade e o desejo de aprender, pois a aprendizagem independente somente será fomentada por um clima flexível, sensível e aberto às necessidades dos alunos.

A atmosfera, o ambiente e a própria estrutura da escola devem encorajar a aprendizagem independente, professores, gestores e outros devem demonstrar atitudes de aprendizagem autodirigida. Este processo educacional cria o contexto no qual os alunos podem cada vez mais assumir a responsabilidade por sua própria aprendizagem. Conforme explica Grochoska (2014) a escola deve se planejar e se organizar de maneira que forneça os meios necessários para que os professores desempenhem o seu papel com efetividade.

Assim, no que tange a minha prática docente atual posso afirmar que busco, de todas as formas, possibilitar uma aprendizagem significativa a meus alunos por meio de novas metodologias permitindo que obtenham os recursos de que precisam e participem ativamente da vida escolar e da comunidade. Além disso, busco auxílio em projetos educacionais bem elaborados que forneçam aos alunos o apoio e a liberdade de ação de que precisam para assumir cada vez mais responsabilidade por seu próprio aprendizado.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desse trabalho, muitos aspectos foram analisados tanto no que se refere a minha vida pessoal, quanto profissional, visto que os relatos me ajudaram a perceber que todos os desafios pelos quais passei foram necessários para a minha atuação como educadora hoje. No início, ao receber a primeira orientação para atuar em sala de aula fiquei com muitas dúvidas, mas logo percebi que minha história poderia se tornar uma referência para outros educadores.

O desenvolvimento desta pesquisa me permitiu compreender que muitos dos medos e até as dificuldades de aprendizagem que precisei enfrentar no decorrer da minha vida acadêmica foram trazidos dos primeiros anos de contato com a escola. Pois, relembando tais experiências percebi que existiram momentos de aprendizagem, mas também de angústias, pois me recordo de algumas dificuldades para aprender os assuntos apresentados pelos professores e estes por sua vez pouco pararam para refletir sobre sua prática adotada que não atendia as minhas demandas naquele momento.

No entanto, atualmente, entendo que vários fatores podem interferir no bom desempenho do trabalho docente, principalmente a falta de políticas para garantir aos professores e alunos o acesso a escolas e um ensino de qualidade. Nesse sentido, minhas reflexões foram sobre o fazer pedagógico propriamente dito, trazidos tanto da formação, quanto da experiência de vida.

Para isso, é necessário proporcionar ambientes de aprendizagens que oportunizem ao aluno aprender de forma crítica, mediando sua construção e instigando ir além. Desta forma estaria utilizando a prática em favor da aprendizagem do aluno, e colaborando para o desenvolvimento de cidadãos autônomos e indivíduos que pensam por si mesmo e que estabelecem relações de reciprocidade.

Para finalizar, deixo registrado meu desejo de dar continuidade a este estudo, através de leituras e pesquisas sobre a educação infantil, pois acredito ser bastante relevante mostrar que são importantes para o ensino, no sentido de ultrapassar barreiras e romper paradigmas. Ou seja, não seguir um modelo único ou padrões que se apresentam como pronto e acabado, mas sim, inovar, indo além do que se vê, construindo a aprendizagem efetiva, possibilitando a articulação entre o aluno e aquilo que ele traz de conhecimento prévio, proporcionando novos conhecimentos, construídos a partir do próprio aluno ou do grupo, tendo o professor como mediador desse processo.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, C. **Educação Infantil: prioridade imprescindível**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2 eds. Rio de Janeiro: LTC, 2006.
- BARBOSA, M. C. S. **Práticas Cotidianas na Educação Infantil: Bases para a reflexão sobre as orientações curriculares**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica, Brasília, 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat_seb_praticas_cotidianas.pdf> Acesso em: 11 de nov. de 2022.
- BARRETO, A. M. R. **Situação atual da educação infantil no Brasil**. In: BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Subsídios para o credenciamento e funcionamento de instituições de educação infantil. v. 2. Coordenação Geral de educação infantil. Brasília: MEC/SEF/COEDI, 1998.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação/CP. **Resolução n. 1 de 15 de maio de 2006**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Pedagogia. Brasília, 2006.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília, 1990.
- BRASIL. LDB - **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Editora do Brasil, Brasília, 1996.
- BRASIL. Conselho nacional de educação. **Resolução Complementar CNE/CEB Nº 2, de 2008**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/resolucao_2.pdf> Acesso em: 02 de fev. 2023.
- BRASIL. Conselho nacional de educação. Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. **Resolução CNE/CEB Nº 1, de 3 abr. 2002**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/CEB012002.pdf>> Acesso em: 02 de fev. de 2023.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2010.
- BRASIL. RCNEI. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil/ Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental**, Brasília: MEC/SEF,1998.
- CAMPOS, M. **Manual de gêneros acadêmicos: Resenha, Fichamento, Memorial, Resumo Científico, Relatório, Projeto de Pesquisa, Artigo científico/paper**, Normas da ABNT. Mariana-Mg, 2015.
- CARBONELL, J. **A aventura de inovar: a mudança na escola**. Trad. MURAD, F. de. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.
- CHARMEUX, E. **Aprender e ler: vencendo o fracasso**. Tradução de Maria José do Amaral Ferreira. 2ª Ed. São Paulo: Cortez; 1995.

EMÍLIA, F; TEBEROSKI, A. **Psicogênese da Língua escrita**. Porte Alegre: Artes Médicas, 1985.

FIGUEIREDO, F. C. F. **O papel do educador no ato de cuidar e de educar na educação infantil**. 2018. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu.pdf>> Acesso em: 02 de fev. 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1996.

FREIRE, P. As muitas facetas da alfabetização. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 52, p. 19-24, fev. 1985.

GROCHOSKA, M. A. **Organização escolar: perspectiva e enfoques**. 2. Ed. Ver. Curitiba. Inter saberes. 2014.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. Edição. SÃO PAULO. EDITORA ATLAS S.A.2002.

MINAYO, M.C. de S. (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NÓVOA, A; FINGER, M. **O método (auto) biográfico e a Formação**. Natal, EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010. Coleção Pesquisa (auto) biográfica e Educação. Clássicos das Histórias de Vida).

PASCHOAL, J. D.; MACHADO, M. C. G. **A história da educação infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, SP, v. 9, n. 33, p. 78–95, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639555>> Acesso em: 03 fev. 2023.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico crítica: primeiras aproximações**. 9. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

SOARES, M. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. 26ª Reunião Anual da Anped. Poço de Caldas/MG, 2003a. Disponível em: <<http://26reuniao.anped.org.br/>>. Acesso em: 31 de mar. 2015.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.